

**Vestígios de uma cidade moderna:
textos e fotografias dos *Almanachs* de Pelotas (1913-1935)**

Paula Garcia LIMA*

Francisca Ferreira MICHELON**

Resumo: Este estudo apresenta a análise de um conjunto de textos e fotografias publicados nos *Almanachs* de Pelotas, entre os anos de 1913 e 1935, período no qual a cidade gozava de privilegiada situação nos setores econômico, cultural, social e intelectual, destacando-se tanto no estado quanto no país. O contexto de circulação é, então, explorado, para, na sequência, adentrar-se especificamente nas questões concernentes a esta tipologia de publicação e aos próprios *Almanachs*, congregando apreciações dos elementos citados. Os textos, as fotografias e a própria existência do impresso são tomados como indícios de uma cidade própria do início do século XX, no qual os grupos dominantes nos setores econômico e político se vangloriavam da cidade e empreendiam esforços em ações de progresso, desenvolvimento e civilidade. Estes esforços, em suma, coadunavam com o objetivo de apresentar uma cidade que se queria moderna e que, para tanto, era divulgada como tal no periódico investigado.

Palavras-chave: *Almanachs* de Pelotas. Pelotas. Modernidade. Textos. Fotografias.

**Traces of a modern city:
texts and photographs of *Almanachs* de Pelotas (1913-1935)**

Abstract: This article presents analysis of a set of texts and photographs published in *Almanachs* de Pelotas, between 1913 and 1935, period in which the city had a privileged position in the economic, cultural, social and intellectual sectors, standing out in its state and country. The context of circulation is exploited, and then specific issues related to this type of publication and *Almanachs* are discussed, bringing assessments of the aforementioned elements. The texts, photographs and the own printer's existence are taken as evidence of a characteristic town of the early twentieth century, in which the dominant groups in the

* Professora Doutora- Centro de Artes - UFPel - Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes. R. Cel. Alberto Rosa, 62, CEP 96010-770, Pelotas, Rio Grande do Sul - Brasil. E-mail:paulaglima@gmail.com

** Professora Doutora- Centro de Artes - UFPel - Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes. R. Cel. Alberto Rosa, 62, CEP 96010-770, Pelotas, Rio Grande do Sul - Brasil. E-mail:paulaglima@gmail.com

economic and political sectors boasted the city and engaged efforts in favor of progress, development and civility. These efforts were associated with the goal to present a modern city, as it wanted to be seen, and, therefore, was disclosed as such in the researched publication.

Keywords: *Almanachs* de Pelotas. Pelotas. Modernity. Texts. Photographs.

Introdução

Textos e fotografias podem conter indícios ou, do modo como se analisa neste estudo, podem ser vestígios de uma forma de apresentar a cidade. Entendeu-se, em virtude das relações observadas entre os elementos estudados, que esta apresentação cumpria os objetivos de determinados grupos no período em que foi feita e que, sem a previsão destes, chegou ao presente como um registro do que era a cidade. O que se buscou analisar, portanto, foi a condição destas fontes como indícios de uma cidade que era apresentada como moderna por meio dos conteúdos veiculados nos *Almanachs* de Pelotas, em específico, nos seus textos e em suas fotografias. O contexto temporal de circulação da referida publicação remonta aos anos de 1913 a 1935, período no qual se evidencia os reflexos das estruturas de produção dominantes no Rio Grande do Sul: a pecuária e a agricultura (LAGEMANN, 1985). Pelotas, cidade situada em uma região notadamente convergente destas duas estruturas, não obstante tratar-se de um município com localização geográfica marginal, destacava-se em parâmetros de desenvolvimento econômico e cultural, tanto se tomados no contexto estadual quanto no nacional.

Assim, primeiramente, o texto apresenta o cenário no qual os *Almanachs* circularam – requisito que se considera necessário para a compreensão de Pelotas como uma cidade determinada por um grupo abastado cultural e financeiramente, que se fazia mormente documentar nas páginas do periódico. Nestas páginas, por sua vez, percebeu-se uma tipologia de publicação inerente a este contexto e que demandou, ser abordada, para que nela se evidenciassem as características exclusivas dos objetos desta discussão. Registrou-se, destarte, a relação entre textos e fotografias enquanto vestígio de uma estratégia de apresentação da cidade como materialização do desenvolvimento e do progresso dos grupos que se entendiam alinhados aos preceitos modernos.

O cenário de circulação dos *Almanachs* de Pelotas

No *Almanach* de Pelotas de 1926, há um texto do escritor João Simões Lopes Netto, transcrito da *Revista do Centenário de Pelotas*, sobre a origem do nome da cidade:

Sabe-se que, em 1758, o campo que conhecemos por Laranjal, foi, pelo Conde de Bobadella, concedido a Luiz Osorio, cuja viúva, mais tarde, o vendeu a D. Izabel Francisca da Silveira e seu marido. Na carta de doação já se faz menção de ser uma das divisas o – Arroio Pelotas.

Parece concetanea a seguinte dedução: o acampamento (e fundação) do Rio Grande, lançado por Silva Paes em 1730, era composto de gente experimentada na guerra, milícia e extraviados da Colonia de Sacramento, tudo gente andeja e valente.

Começando a exploração dos arredores, troço dessa gente, por certo em verão, tempo secco, dias grandes, varou o S. Gonçalo, no Passo dos Canudos, o mais acessível; contramarchando para leste, pela margem esquerda, despontaria os grandes banhados; cruzou os campos do Pavão, descortinou e subiu os contrafortes da Serra dos Tapes, sobre o Capão do Leão, tomou a varzea do Fragata, bandeou este, subiu o planalto (hoje cidade) e, levando o mesmo rumo, foi ter ao primeiro curso dagua mais forte que topou: um arroio que parecia vir do norte; vadeou-o, ainda, e por fim foi ter á margem da Lagoa.

Retrocedendo, esse troço de exploradores levou a noticia e descrição.

Mais vinte annos correram, durante os quaes essas incursões ter-se-iam repetido, e mesmo alguém se houvesse ali demorado.

Dessa frequencia, feita com maior descanso, nasceu o emprego das “pelotas” para vadear o arroio, por gente que já as conhecia dos índios de outros lugares, que empregavam-nas para transportar as caças, fructos e crianças. (ORIGEM...,1926, p. 84-85).

Ao referir-se à origem do curioso nome, o escritor desenha a estrutura da pecuária na região e a reitera como a substância econômica do município:

Os gados, já innumerous, oriundos das occupações hespanholas, de que a mais proxima existia em Cangussú, espalhavam-se por esses espaços.

Luiz Osorio requereu a concessão do trato que lhe pareceu o melhor. O arroio já tomara o nome, que tornou-se official na doação – arroio das Pelotas.

Quando, em 1835, na Assembléia Provincial, tratou-se da elevação da Villa de S. Francisco de Paula á cathegoria de cidade, foram lhe propostos diversos nomes.

Domingos José de Almeida, defendendo o de Pelotas, argumentava por esta forma: - que o nome proposto memorava o facto histórico que aglomerara, com a rapidez do raio, a gente e a riqueza da localidade, pois fora no arroio Pelotas que, em fins do século passado, José Pinto Martins, vindo do Ceará, estabelecera uma xarqueada e attrahindo a população, que ahi começou a fixar-se, espalhando-se depois até o sitio onde mais tarde foi creada a freguezia. (ORIGEM...,1926, p. 85-86).

Este texto, igualmente, informa sobre outras questões, muito enraizadas, desde então, acerca do cenário onde a cidade foi erigida. Alavancada pelo sucesso das charqueadas, a riqueza permeou o ideário dos grupos que ali viviam.

Em um texto editorial de Florentino Paradedda (editor e mantenedor da publicação dos *Almanachs* de Pelotas) relembra-se as impressões de Conde d’Eu em visita à cidade no ano de 1865. O discurso do príncipe ressalta a condição de riqueza e de progresso da cidade pelo olhar estrangeiro, o que é compreensível, já que os pressupostos de civilização

e de modernidade eram espelhados para além das fronteiras. Trechos da carta, com as palavras de Conde d'Eu, seguem abaixo:

Depois de ter percorrido duas vezes em toda a sua largura a provincia do Rio Grande do Sul; depois de se ter estado em suas pretensas cidades e villas, Pelotas apparece aos olhos encantados do viajante como uma bella e prospera cidade. As suas ruas largas e bem alinhadas, as carruagens que as percorrem (phenomeno único na Provincia) sobretudo os seus edifícios, quase todos de mais de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão idéa de uma população opulenta.

De facto, é Pelotas a cidade predilecta do que eu chamarei a aristocracia rio-grandense, si é que se pode empregar a palavra aristocracia falando-se de um paiz do novo continente.

É tambem em Pelotas que florescem em todo o seu esplendor as industrias que alimentam o verdadeiro luxo rio-grandense, o dos arreios. Estas industrias, como se sabe, são duas: a dos couros lavrados, cinzelados, coloridos, bordados de mil maneiras, e a das peças de prata, não menos artisticamente trabalhadas.

O rápido desenvolvimento de Pelotas é um facto notável, que não encontra análogo na provincia e que presagia a esta cidade um futuro considerável. (PELOTAS..., 1922, p. 66).

Em plena república, o depoimento da monarquia ainda era um veredito do desenvolvimento e crescimento da cidade que se tornou, no século XIX, uma das urbes mais adiantadas e prósperas do estado. A prosperidade propiciada pelas charqueadas estava presente no pensamento do período, fato constatável em alguns textos veiculados pelo periódico. Pelotas, naquele período, tinha posição privilegiada se comparada a outras cidades do Rio Grande do Sul e até do Brasil. No estado, Pelotas compunha o polo sul (juntamente com a cidade de Rio Grande), região que se estruturou com base em grandes propriedades, na pecuária e sustentada pela mão de obra escrava. Já o polo norte, que tinha Porto Alegre, a capital, como principal força motriz, organizou-se por meio de pequenas propriedades de atividades agrícolas, artesanato e comércio, características que acabaram por, futuramente, propiciar o maior desenvolvimento desta região (CUNHA, 2009; LONER, 1999; PERES, 2002, p. 32).

A região sul, com a dupla Rio Grande-Pelotas, manteve um parque industrial superior ao do polo norte até final do século XIX e início de século XX (LONER, 1999). Importante notar que se tratava de uma localidade bastante desenvolvida e economicamente ativa no estado e, inclusive, no país, como já dito. Mesmo que em posição periférica em termos geográficos, o Rio Grande do Sul figurava, no quesito tamanho do parque industrial, na 3ª colocação nacional (LONER, 1999), e Pelotas, por sua vez, cuja localização exacerba a comentada condição periférica do estado, no ano de 1920, chegou a ocupar a 8ª posição no que se refere às rendas municipais entre todas as cidades brasileiras, ultrapassando grandes cidades como Juiz de Fora, Campinas e Santos (LONER, 1999). Impressiona

pensar que uma cidade do interior – com localização geográfica nada estratégica e, ainda, que enfrentou problemas para exportar os seus produtos por meio do seu porto (que compunha um dos três portos do estado) pelo fato de que as taxas cobradas eram mais altas que as do porto de Rio Grande – tenha conseguido alcançar posição de tamanho destaque no país (LONER, 1999).

Sobre o desenvolvimento da cidade, de acordo com Peres (2002), Pelotas, que também era conhecida como Princesa do Sul ou Atenas Rio-Grandense, viveu seu auge econômico e cultural em fins do século XIX e início do século XX, impulsionada, justamente, pela indústria saladeril, nome de origem espanhola que indica a produção do charque. Em meados do século XIX, as charqueadas congregaram a principal atividade pelotense e, ao final deste século, foram somadas por volta de 40 delas, localizadas às margens do Arroio Pelotas e do Canal São Gonçalo.

A indústria do charque impulsionou demais empreendimentos industriais e, também, comerciais, ambos setores constantemente apresentados nos *Almanachs* de Pelotas, por intermédio de textos que tratavam em específico de algum estabelecimento e acompanhados de registros fotográficos, funcionando como índices de uma cidade que progredia, se industrializava, em suma, se modernizava.

Outro fator bastante representativo do desenvolvimento crescente e pujança econômica da cidade no início do século XX foi a criação do Banco Pelotense, no ano de 1906. Esta instituição financeira concentrava os recursos das atividades advindas tanto do meio rural (pecuária), quanto do meio urbano (comércio) (LONER, 1999). Tal situação economicamente favorável mudou a partir de 1931, com a quebra do Banco Pelotense, que provocou danos insuperáveis para o desenvolvimento do município (CUNHA, 2009). Para Michelin (2001), o funcionamento deste Banco, por mais de duas décadas, muniu de confiança e autoestima aquele município, sendo esta instituição a própria representação do progresso que era tão cara aos comerciantes, industriais e políticos locais.

Enfatiza-se, no entanto, que o período final de circulação dos *Almanachs* de Pelotas deu-se a partir do ano marco da derrocada econômica da cidade de Pelotas, com a falência do Banco Pelotense. Assim, a maioria de suas edições foram partícipes de um cenário pulsante e opulento, retratado nas páginas do periódico com insistente recorrência.

Pelotas moderna nos *Almanachs* de Pelotas

Os *Almanachs* de Pelotas foram editados anualmente na cidade, entre os anos de 1913 e 1935, totalizando 23 edições. Após esta data, houve uma publicação intermitente e se tem registro de um último número, em meados de 1940. A publicação foi fundada por Dr.

Antonio Gomes da Silva, Ignácio Alves Ferreira e Capitão Florentino Paradedda, grupo que se fazia assinar por Ferreira & Cia. No ano de 1919, ocorreu mudança na direção, a partir daí creditada como de cargo exclusivo do Capitão Florentino Paradedda.

Tratava-se de uma tipologia de publicação popular, cuja origem remonta tempos muito longínquos, especialmente se consideradas as suas versões manuscritas (confundindo-se até com a origem dos calendários). Mesmo na modalidade impressa, sua procedência é bastante antiga, coincidindo com a invenção da imprensa e dos tipos móveis por Gutenberg, no século XV (ANASTÁCIO, 2014; DUTRA, 2005). Posteriormente, entre os séculos XVIII e XIX, os almanaques assumiram o propósito de veicular instrução e propaganda e, em alguns casos, configuraram-se por temáticas específicas. A partir da Revolução Industrial, não só pelo barateamento e facilidades obtidas nos processos de impressão, mas também com o aumento da população nas cidades, os almanaques disseminaram-se pelo aumento do público leitor, que via na atividade de leitura uma opção de lazer (DUTRA, 2005).

Segundo Ferreira (2001), este tipo de periódico atuava em prol do projeto civilizatório ocidental, alastrando-se por diferentes locais – desde as cidades até os mais distantes povoados rurais – e atingindo, também, diferentes segmentos sociais e culturais, numa tentativa de equalizar repertórios. Com tal desígnio, há de se imaginar um tipo de artefato de leitura composto por assuntos diversos, os quais se transfiguraram, no século XIX, em espécies de enciclopédias, com ênfase no progresso e na ciência, coadunando com o pensamento positivista então em voga. Assim, Dutra (2005) confirma terem sido, estas publicações, grandes promotoras de valores da modernidade, da moralidade e do comportamento.

Crê-se que é neste perfil e nestes propósitos que os *Almanachs* de Pelotas se apresentam, pois os mesmos compunham-se de temas variados, tratando de assuntos que orientavam a vida prática dos cidadãos (taxas de correios e telégrafos, datas para pagamentos de impostos, horários do bonde, serviços) e outros temas mais ligados ao entretenimento e diversão (charadas, piadas, histórias, contos, curiosidades). Ressalta-se que o conteúdo da publicação referia-se, de muitas formas, ao progresso do município, do trabalho e das grandes ações de seus conterrâneos, divulgando uma cidade que queria ser moderna e que se encaminhava para tal. Este objetivo é inúmeras vezes exaltado em prefácios e outros artigos de diversas edições da publicação, fazendo supor que este, desde a fundação dos *Almanachs*, foi a meta principal. Este fato pode ser exemplificado com um trecho do texto “Pelotas na actualidade”, veiculado em sua primeira edição, em 1913. Em que é interessante notar as adjetivações para a cidade, que então se modernizava e se desenvolvia:

Pelotas entrou desassombradamente no caminho amplo do progresso e á mais superficial observação facilmente se constata que uma vida nova, promissora e fecunda, impulsiona todo o município, de alguns annos a esta parte.

[...]

Pelotas prepara-se para se transformar n'uma cidade com todos os confortos da hygiene e da civilização: - acham-se iniciados os serviços para abastecimento d'agua em maior quantidade; - iniciados foram tambem os trabalhos para a collocação da rêde de exgottos, e não tardará muito que tenhamos luz e tração electrica, que virão dar ás nossas ruas um outro aspecto, mais movimento e ruído, pondo-nos ao mesmo tempo em comunicação rapida e directa com os lindos e pittorescos arrabaldes da cidade. (PELOTAS..., 1913, p. 45).

Já em outro texto, do *Almanach* de 1928, destaca-se a privilegiada posição cultural e social que a cidade ocupava bem como a proatividade de seus cidadãos em ações progressistas e de benesses. Muito do desenvolvimento do município, segundo os *Almanachs*, era empreendido por governantes (os que lideravam a cidade costumavam ter destaque em suas páginas) e, também, por meio de iniciativas particulares dos cidadãos, motivo de orgulho, como se pode ler abaixo:

Tradicional é a cultura, bem como a sociabilidade dos pelotenses, hospitaleiros e prestantes, ciosos de sua terra e amantes do progresso desta. Por isso mesmo, uma grande collaboração lhes cabe no desenvolvimento da cidade, onde se agrupam instituições de caridade numerosas, hospitaes de primeira ordem, grêmios sociaes distinctos, associações esportivas de cultura physica, estabelecimentos de ensino superior, sociedade e agricultura e avicultura, institutos bancários, emprezas industriaes de varios ramos, lançadas, acolhidas e realizadas com esse entusiasmo e amor próprio tão peculiares aos filhos da terra. (PELOTAS..., 1928, p. 72).

Além do texto, afirmava-se a cidade moderna, mediante inúmeros registros fotográficos que realçavam ainda mais este propósito. Imagens, se sabe, costumam ser mais persuasivas e pregnantes e as fotografias imbuem-se da ideia de realidade e veracidade, dando maior concretude aos discursos verbais. Os *Almanachs*, assim, são repletos de fotografias de personalidades (muitas daquelas que executavam feitos “modernizantes”), mas, principalmente, segundo Michelin (2001), de fotografias da cidade que ilustravam, por exemplo, as melhorias nas redes de água e esgoto, iluminação, transporte coletivo e instituições beneficentes e sociais.

Observou-se que as instalações e melhorias no sistema de água e esgoto, configuraram tema constante ao longo das edições analisadas, tanto textualmente quanto em registros fotográficos. Tratava-se de serviços básicos cuja implantação trazia repercussão em melhoramentos na saúde, questões todas essenciais para as sociedades

que queriam ser modernas, por isso compuseram projetos avultados e duradouros das intendências republicanas no país, iniciadas no final do século XIX. No caso do contexto geográfico desta investigação, um texto de 1929 (intitulado “O Progresso de Pelotas”), atribui a esta cidade a primeira rede de água e esgoto do estado (isto era uma prática constante nos textos: a elevação de Pelotas a patamares superiores comparativamente a outras localidades), ligando tais serviços ao progresso municipal (O PROGRESSO..., 1929).

A fotografia da Figura 1 refere-se a uma obra sendo executada e nota-se, na cena, algumas pessoas trabalhando e outras tantas observando, evidenciando a notoriedade desta melhoria diante dos olhos da população.



Figura 1: Escoramento para rede de esgoto

Fonte: *Almanach* de Pelotas 1917, Acervo da *Bibliotheca* Pública Pelotense, s/p.

Outro exemplo de progresso dizia respeito à utilização de luz elétrica, tema também documentado nos *Almanachs*, sobretudo no concernente à iluminação pública, conforme indica fotografia da Figura 2. A luz elétrica era uma exigência do estatuto moderno que se queria atingir e foi, de acordo com Michelin (2001, p. 249), com maior amplitude, implementada na década de 1920. No entanto, tal preocupação já aparece como um prenúncio na primeira edição do *Almanach* de Pelotas, no ano de 1913, no texto já transcrito “Pelotas na actualidade” (p. 45), o qual informa que “[...] iniciados foram também os trabalhos para a collocação da rêde de exgottos, e não tardará muito que tenhamos luz e tração electrica que virão dar ás nossas ruas um outro aspecto [...]”. A praça registrada na Figura 2 já havia sido tema (à luz do dia) de outros registros fotográficos ao longo dos *Almanachs*, contudo, esta imagem materializa a praça tomada por um “outro aspecto”,

conforme referido na citação acima. Vê-se a praça banhada por luz elétrica, sendo tanto o espaço, quanto a tecnologia que a ilumina artificialmente, conotações da condição moderna.



Figura 2: Iluminação na Praça da República

Fonte: *Almanach de Pelotas 1929*, Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*, s/p.

Ainda do primeiro texto transcrito, a menção à tração elétrica, colocada como eminente, tem seus registros em imagens fotográficas que apresentam bondes elétricos, meios de transportes que se apresentam como necessários à cidade porque era um transporte coletivo que respondia à demanda de locomoção de uma população que crescia rapidamente. Parte desta população trabalhava como operária de fábricas que se situavam em locais mais afastados das áreas de residência. Também, por esta razão, despontava a necessidade de um tipo de transporte mais rápido e que permitia o percurso de distâncias maiores, indispensável, para uma cidade que ampliava, também, seus limites territoriais. Ora, uma cidade cuja população e seu espaço urbano aumentavam, apresentava necessidades inéditas, cujos atendimentos configuravam um novo cenário, entendido como expressão do moderno. Uma, entre outras imagens, que pode ilustrar tal aspecto é a expressa na Figura 3, que destaca, no enquadramento, um bonde do tipo Imperial, de dois andares, logo, capaz de transportar mais pessoas.

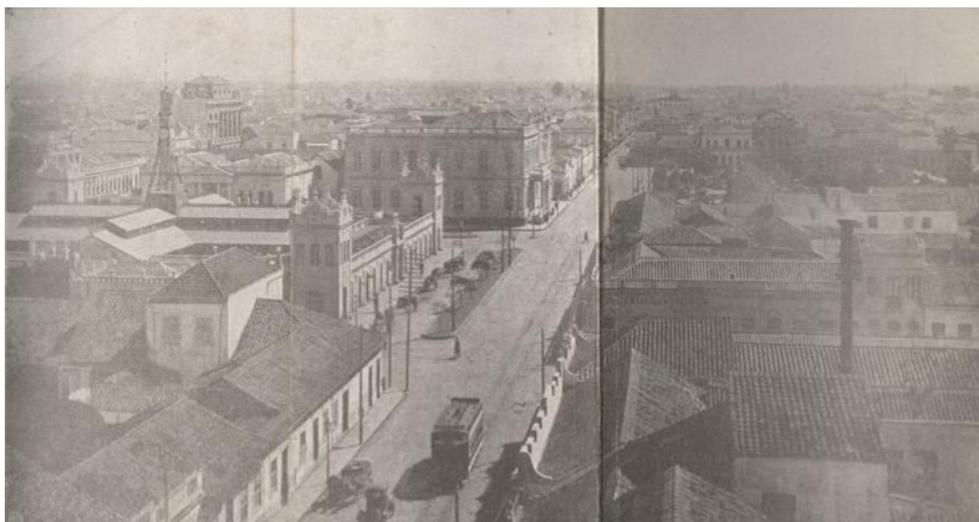


Figura 3: Bonde do tipo Imperial

Fonte: *Almanach* de Pelotas 1920, Acervo da *Bibliotheca* Pública Pelotense, s/p.

Passando-se para a busca de exemplos elencados na segunda citação transcrita, tem-se a alusão à existência de hospitais e instituições de caridade, ambos amplamente divulgados nos objetos deste estudo e que, por sua vez, são projeções das preocupações sanitaristas. A partir das instituições de caridade, traz-se à tona que Pelotas, embora extremamente desenvolvida (em parâmetros estaduais e nacionais), era uma sociedade composta de grupos bastante discrepantes, grupos de elite com sólida fortuna e grupos muito pobres. Segundo Peres (2002), havia em Pelotas grupos marginalizados nos setores econômico, cultural e social, os quais se distanciavam daquela que era considerada como “boa sociedade”, esta formada por aqueles que detinham bens materiais ou intelectuais. As instituições beneficentes tanto quanto as ações caridosas equilibravam as discrepâncias entre estes segmentos da população, operando até de modo disciplinador e educativo. Inúmeras foram as ações de controle sobre esta parte da sociedade que, nas ruas, não compartilhava das aspirações de uma cidade que queria ser moderna. Entre estas ações, os asilos cumpriam função benemerente e assistencialista. Exemplos que estiveram em evidência nos *Almanachs* são o *Asylo* de *Orphãs* e o *Asylo* de Mendigos. O termo utilizado como legenda na Figura 5 – “grupo de recolhidos” – transparece a ideia de recolher, reunir e esconder o que pudesse se contrapor à visão de uma cidade moderna.



Figura 4: Vista geral do Asylo de Orphãs

Fonte: *Almanach de Pelotas 1922*, Acervo da Bibliotheca Pública Pelotens, s/p.



Figura 5: Grupo de recolhidos do Asylo de Mendigos

Fonte: *Almanach de Pelotas 1921*, Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*, s/p.

Outras fotografias ilustram a cultura e sociabilidade dos pelotenses, por meio das referências aos clubes sociais, os quais eram representativos e resultantes daquele novo momento experimentado, em que o convívio de um maior número de pessoas sugeria, como formas desse viver moderno, possibilidades de lazer coletivo e diferentes formas de sociabilidade. Importante destacar, que os clubes que ganharam notabilidade na publicação analisada, foram clubes frequentados por aquela considerada como “boa sociedade”, ou seja, composta pelas classes detentoras de poder econômico e/ou político.

Os clubes que apareceram em registros fotográficos foram os clubes Comercial, Diamantino e Centro Português. O *Club Commercial* foi o clube mais explorado nas páginas dos *Almanachs* e, por isso suas fotografias são numerosas. Na edição de 1920, algumas

destas fotos ocuparam o conteúdo de várias páginas e, também, um texto foi dedicado ao clube (CLUB..., 1920). O artigo destaca a sua fundação, em 1881, a visita da família Imperial em 1887, o número de 550 sócios e as reuniões elegantes e distintas. As fotografias mostram as possibilidades de interação social por ele proporcionadas, com tomadas que evidenciam sua escadaria, seu luxuoso mobiliário e seus amplos salões de bilhar, de leitura, de baile e de jogos, ilustrando-o, como um local de ócio e lazer. Chama a atenção no referido texto o fato de iniciar destacando o uso dos clichês para apresentar as dependências do “sumptuoso palacete” do clube, para que lá fora se tenha conhecimento do requintado gosto estético e cultural da cidade. Daí se supõe que o alcance da publicação dava-se para além dos limites locais, contemplando, deste modo, a busca por mostrar/ostentar a cidade moderna, civilizada, rica e elegante, assim delineada.



Figura 6: Fachada Club Commercial

Fonte: *Almanach de Pelotas 1915*, Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*, s/p.



Figura 7: Um dos salões do Club Commercial

Fonte: *Almanach de Pelotas 1920*, Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*, s/p.

Assim, os exemplos de textos e fotografias apresentados comungavam com o ideal desta tipologia de publicação, de divulgar hábitos, formas de vida e de sociabilidade que coadunavam com os esforços na direção da auspiciada modernidade. No entanto, finaliza-se este tópico declarando que não apenas os textos e fotografias, isolados ou combinados, funcionavam como esses índices do moderno, mas também o *Almanach* de Pelotas, no somatório de seus preceitos e por meio da sua materialidade, representam vestígios daquele ideário. Acredita-se que, além da publicação analisada, os impressos, de forma geral, exibem a contextura dos anseios e valores de um tempo, pela evidência que são dos progressos tecnológicos, como de técnicas de impressão que caracterizam determinado momento.

Conclusão

Compreender os vestígios que promoviam uma Pelotas moderna, pelas páginas dos *Almanachs* de Pelotas, como prenuncia o título deste artigo, e como mencionado logo na introdução, foi o objetivo da reflexão proposta. Reflexão esta, pautada em discursos verbais e visuais de um passado, passado (seja ele de longe seja de perto) nunca alcançado em sua completude, mas cujos indícios (como os que foram observados) trazem algumas possibilidades de leitura e hipóteses.

Pelotas, como aponta a literatura, era uma cidade, de fato, pujante, econômica, cultural e socialmente desenvolvida na maior parte do período de circulação dos *Almanachs* de Pelotas. Seu destaque alcançava até projeção nacional, o que impressiona dada a sua condição de cidade interiorana e periférica. Era, igual às cidades do seu tempo, composta por diferentes segmentos sociais; formada por uma elite abastada (oriunda, em grande parte, das famílias dos charqueadores) e de grupos mais pobres, os quais, por sua vez, não coadunavam com os auspícios modernos discorridos nos objetos deste estudo. Por tal motivo, estes grupos menos favorecidos, distanciados daquela considerada como “boa sociedade”, não protagonizavam texto ou imagem da publicação, a não ser que aparecessem como coadjuvantes ou figurantes do ambiente moderno.

A partir da detecção de tais diferenças sociais e daquilo que era ou não escolhido como tema para o conteúdo dos *Almanachs*, acredita-se que os exemplares de Pelotas, ao contrário do que indica a bibliografia estudada acerca desta tipologia de publicação, aparentemente, não se direcionavam para todos, restringindo-se àqueles mais ricos intelectual, cultural e financeiramente. Ou, ao menos, colocavam-se como ratificadores, apenas, das situações desejáveis para uma sociedade que queria ser moderna.

Por fim, os *Almanachs*, baseados nos discursos que os materializavam (seja nos textos seja nas fotografias), e pela sua própria existência, são representações da modernidade pretendida. Sua existência resultou de uma cidade que se vangloriava de sua condição privilegiada em diversos setores e que, por isso, tinha necessidade de mostrar-se como moderna, justificando o tipo de conteúdo focado nas melhorias e adequações do município em prol da assunção a este patamar. Em suma, uma cidade que, por meio desta publicação, divulgava a crença na concepção da modernidade, do progresso, do desenvolvimento e da civilização, noticiando todas as melhorias no seu espaço urbano que, ironicamente, tinha como principal força econômica as atividades rurais.

Recebido em: 30/08/2015

Aprovado em: 15/11/2015

FONTES

ALMANACH de Pelotas. Propaganda, Informações úteis, Variedade. Direcção de Ferreira & C. Pelotas: Oficinas Typographicas do Diário Popular, 1915. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. V Ano. Direcção de Ferreira & C. Pelotas: Oficinas Typographicas do Diário Popular, 1917. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. VIII Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedda. Pelotas: Oficinas Typographicas do Diário Popular, 1920. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. IX Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedda. Pelotas: Tipografia A Guarany, 1921. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. X Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedda. Pelotas: Tipografia A Guarany, 1922. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XVII Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedda. Pelotas: Tipografia Livraria do Globo, 1929. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

CLUB Commercial. *Almanach* de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. VIII Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedda. Pelotas: Oficinas Typographicas do Diário Popular, p.191-192, 1920. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

PELOTAS, a “Prospera Cidade”. *Almanach* de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. X Ano. Direção e Propriedade de Florentino Paradedda. Pelotas: Tipografia A Guarany, p.66, 1922. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

PELOTAS na actualidade. *Almanach* de Pelotas. Propaganda, Informações úteis, Variedades. Direção de Ferreira & C. Pelotas: Oficinas Typographicas do Diário Popular, p.45, 1913. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

PELOTAS por alto. *Almanach* de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XVI Ano. Direção e Propriedade de Florentino Paradedda. Pelotas: Tipografia A Guarany, p.72, 1928. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

O PROGRESSO de Pelotas. *Almanach* de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XVII Ano. Direção e Propriedade de Florentino Paradedda. Pelotas: Tipografia Livraria do Globo, 1929. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ORIGEM do nome Pelotas. *Almanach* de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XIV Ano. Direção e Propriedade de Florentino Paradedda. Pelotas: Tipografia A Guarany, p.84-86, 1926. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, Vanda. Almanques: Origem, géneros, produção feminina. In: AREIAS, Laura; PINHEIRO, Luís da Cunha (Org.). *As Mulheres e a imprensa periódica*. Lisboa: CLEPUL, 2014, p.5-32. Disponível em < <http://pt.calameo.com/read/0018279771ef116cc9683> >. Acesso em: 30 de abr. 2014.

CUNHA, Jaqueline Rosa da. *A formação do sistema literário de Pelotas: uma contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul*. 2009. 241 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

DUTRA, Eliane de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanach Brasileiro Garnier (1913-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAGEMANN, Eugênio. *O Banco Pelotense e o sistema financeiro regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

LONER, Beatriz Ana. *Classe operária: organização e mobilização em Pelotas: 1888-1937*. 1999. 727 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 1999.

PERES, Eliane Teresinha. *Templo de Luz: os cursos noturnos masculinos de Instrução primária da Bibliotheca Pública Pelotense (1875-1915)*. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

MICHELON, Francisca Ferreira. *Cidade de papel: a modernidade nas fotografias impressas de Pelotas (1913-1930)*. 2001. 547 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.